

Política ambiental e Religiosidade Verde

Environmental Policy and Green Religiosity

Política Ambiental y la religiosidad Verde

Celso Luiz Terzetti

TAYLOR, Bron. *Dark Green Religion. Nature Spirituality and the Planetary Future*. Berkeley e Los Angeles, Califórnia: University of California Press, 2010. 360 pgs.

O pesquisador que estuda os novos movimentos religiosos, especificamente os da Nova Era e neopaganismo em geral, como druidismo e Wicca, sabe que para os adeptos de tais religiosidades ou/e espiritualidades a natureza é entendida como sagrada. Esta noção de sacralidade é frequentemente enfatizada, por exemplo, entre os adeptos do neopaganismo. Esta é uma forma de compreensão do mundo baseada na concepção de animismo, como designado por E. B Tylor. Como coloca Gus diZerega (2008, 68): “Para os wiccanos e muitos outros pagãos, a Natureza é tanto a manifestação do sagrado como nossa principal tutora para o crescimento de uma grande harmonia com o Sagrado em todas as dimensões de nossas vidas”.

Muitas novas formas de espiritualidade seguem essa tendência de sacralização da natureza. O movimento romântico no século XIX já enfatizava certos aspectos do que muitos autores chamam de “religião da natureza”. De fato, entre os norte-americanos estudiosos da religião que se debruçam no estudo dos novos movimentos religiosos, que de certa forma enxergam a natureza como espaço sagrado, o termo “nature religion” é cada vez mais utilizado. Diferentemente, por exemplo, da Europa, que por razões históricas utiliza o termo “ethnic religions” para se referir, inclusive, às novas formas de espiritualidade baseadas tanto em bricolagens religiosas mais sistematizadas fruto do ocultismo inglês e francês quanto religiosidades de cunho reconstrucionista, por exemplo, o paganismo nórdico.

No Brasil, não há uma terminologia que abranja as religiões neopagãs ou reconstrucionistas como há na América do Norte e na Europa. Devemos

* Mestre em Ciências da Religião pela PUC/SP. E-mail: clterzetti@gmail.com .

considerar que a introdução dessas formas de religiosidade é recente. No entanto, muitos trabalhos ainda descrevem estes grupos e suas práticas dentro de uma perspectiva caleidoscópica da Nova Era. Obviamente, os termos descritos que tentam dar conta de tais religiosidades surgiram em contextos variados e de acordo com diferentes necessidades.

Mas a sacralidade da natureza nestes novos movimentos religiosos talvez não fosse reconhecida se não houvesse uma tendência tão forte em relação à questão ambiental que vem permeando, desde a década de 60, com a contracultura, as esferas políticas e religiosas.

Nos Estados Unidos, onde já há certa tradição em pesquisas relacionadas a estes novos movimentos religiosos, o historiador e etnógrafo Bron Taylor, professor de Religião e Natureza da Universidade da Flórida, propõe com seu livro *Dark Green Religion* uma “sistematização” dessa veneração à natureza. O que ele fornece ao longo de 360 páginas é um referencial teórico novo para a compreensão de uma forma de espiritualidade “desinstitucionalizada” que tem como foco central a veneração à natureza. O livro é dividido em nove capítulos mais as considerações sobre o termo *Dark Green Religion*.

Em suas palavras iniciais, ele define esta religião “verde escura” como sendo um “fantasma, sem instituições, textos sagrados ou líderes carismáticos” (TAYLOR 2010, 9). Esta é uma “religião que considera a natureza como sagrada, com valor intrínseco, digna de reverência e cuidado” (2010, 9).

Nesta primeira parte do livro ele coloca algumas considerações ao leitor, descrevendo que muitos outros elementos como gráficos, músicas e imagens podem ser complementados por intermédio de seu website. Isto, à primeira vista, parece simples propaganda, mas o que Taylor sugere é que muito mais do que teorizar sua noção de “religião verde escura” é dar exemplos, por meio de citações e outros elementos. Portanto, o livro é cheio de citações que tentam exemplificar o modelo de Taylor.

Seu objetivo, como ele coloca, é que os leitores reconheçam por si mesmos o crescimento e a importância desta forma de religião bem como suas implicações (TAYLOR 2010, 10).

O termo *Dark Green Religion*, segundo o autor, foi utilizado por várias razões, entre elas a de que o termo “escuro” refere-se à profundidade do valor intrínseco da natureza, nesse sentido seria uma oposição a uma forma simples de apenas falar da importância da natureza. O “escuro” tem a intenção de passar profundidade. Taylor não se atém aos conceitos de religião, apenas descreve que muitos dos conceitos clássicos que partem ou de uma perspectiva funcionalista ou substancialista não dão conta de novas religiosidades. A seguir, ele faz uma análise dos termos espiritualidade, religião da natureza, religião verde e, por fim, religião verde escura. Taylor coloca que dois fatores foram importantes para a concepção da religião verde escura: O primeiro é o darwinismo e o segundo a crescente noção de que o planeta está em crise devido à destruição ambiental.

Taylor descreve que as fontes da origem desse movimento podem ser encontradas em Rousseau, Spinoza, Goethe e nos românticos ingleses. Mas esta forma de religião começa a ser expressa no século XIX. E é nos autores desta época que Taylor desenvolve sua concepção dos elementos centrais da “religião verde escura”. Os principais escritores evocados pelo autor são Ralph Waldo Emerson, David Henry Thoreau, John Müir e John Burroughs.

Taylor ainda propõe duas categorias de religião que são ilustradas por meio de uma tabela: Animismo e Gaia Religião da Terra, cada uma com correspondências na categoria sobrenatural e naturalista: Sendo assim, os cruzamentos resultam em quatro categorias: animismo espiritualista, animismo naturalista, Gaia espiritualidade e Gaia Naturalismo. Taylor admite que os limites entre as quatro categorias são complicados e fluidos (TAYLOR 2010, 15).

Para exemplificar as categorias, o autor recorre a exemplo de poetas e escritores que, na maioria das vezes, evocam uma visão mais romântica da natureza.

No quinto capítulo, Taylor volta-se para a *surfing spirituality*, um termo que ele já havia cunhado para descrever o que ele denominou como “religião aquática da natureza”. Taylor mostra como há uma espiritualidade presente no *milieu* dos surfistas, já que muitos consideram a prática como algo religioso com significados que abrangem benefícios psicológicos, físicos e espirituais.

A obra de Taylor mostra-se eficiente para entendermos as diversas formas de religiosidade e espiritualidade do mundo contemporâneo que estão envolvidas com a questão ambiental.

Hoje vários movimentos religiosos, inclusive no Brasil, buscam uma relação com o meio ambiente mais ativa e não só de passividade e contemplação. Um exemplo disso são os grupos neopagãos que frequentemente estão empenhados em atividades de preservação que vão desde manifestações ambientais a plantios de mudas. Para o pesquisador interessado em religião e meio ambiente, o livro de Taylor deve ser levado em consideração. Além disso, o histórico do autor em relação aos temas, mostra um lado provocativo. A comparação entre formas de religião e outras formas sociais. Há quem diga que futebol é religião, e há quem não concorde. Para Taylor, o surfe é uma forma de espiritualidade, com seus rituais e símbolos. No final, Taylor está de certa forma interessado em definir as formas de “espiritualidade” que estão ativamente envolvidas com o que ele sugere no subtítulo de seu livro, o futuro planetário.

Referências

- DIZEREGA, Gus; JOHNSON, Philip. **Beyond the Burning Times: A Pagan and Christian in Dialogue.**
 Submetida em: 20-8-2013
 Aceita em: 31-10-2013